

A ordem e a síntese: aspectos da sociologia de Auguste Comte

Ricardo Luiz de Souza – UNIFEMM

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender alguns aspectos básicos do pensamento de Auguste Comte, a partir dos quais seja possível, por sua vez, compreender sua contribuição para o processo de construção do conhecimento sociológico do qual ele foi precursor. Comte foi um pensador pioneiro da análise sociológica, mas foi, também, um autor ligado a uma tradição filosófica e evolutiva que precisou ser superada para que a sociologia enfim, pudesse ser estabelecida como disciplina científica.

Palavras-chave: Sociologia. Ciência. Religião.

ABSTRACT

The purpose of this study is to understand some basic aspects of the thought of Auguste Comte, from which is possible, in turn, to understand its contribution for the process of construction of the sociological knowledge of which it was precursory. Comte was a pioneering thinker of the sociological analysis, but it was, also, a on author to a philosophical and evolutive tradition that needed to be surpassed so that sociology at last, could be established as it disciplines scientific.

Keywords: Sociology. Science. Religion.

I

Tomarei como ponto de partida para análise da sociologia comteana um enunciado formulado por Auguste Comte que pode ser visto como básico para a compreensão de seu método: toda sistematização parcial exige, para ele, uma síntese geral (COMTE, 1912, p. 211). E ainda, o uso de definições precisas e sistemáticas é, para o autor, o primeiro sintoma da obtenção, por parte de uma ciência qualquer, de um conhecimento verdadeiramente consistente e científico (COMTE, 1934, v. 3, p. 11).

O conhecimento, para ele, só adquire validade efetiva quando incorporado a um quadro geral no qual ele ganhará um novo sentido a partir da síntese da qual fará parte, sendo tal síntese definida pelo autor como tarefa indispensável a partir do seguinte pressuposto: “A arte humana e a ciência humana são respectivamente indivisíveis, como os diversos aspectos peculiares ao destino comum de ambos (o homem), no qual tudo se acha constantemente ligado” (COMTE, 1983a, p. 140). Com isto, o conhecimento proposto por Comte ganha um caráter enciclopédico que é enfatizado por Alain (1993):

Buscar uma moral antes de haver estudado segundo o método a situação humana é tão inútil quanto abordar a sociologia sem uma preparação biológica suficiente, ou a biologia sem a preparação físico-química que depende, por sua vez, evidentemente, dos estudos astronômicos e matemáticos. Toda a cultura científica é enciclopédica; isto esclarece de novo a própria pesquisa e também a educação (ALAIN, 1993, p. 321).

De fato, a matemática, a astronomia, a física, a química, a psicologia e a física social compõem o que Comte (1934, v. 1, p. 63) chama de fórmula enciclopédica; são as seis ciências fundamentais conforme a hierarquia natural e invariável dos fenômenos. E o objetivo do autor, a partir de tal fórmula, é chegar a uma totalização da experiência, definida por Kremer-Marietti (1982, p. 146) como a ambição da antropologia integral comteana.

Pallardó (1968, p. 168), por seu turno, menciona a influência sobre Comte dos postulados históricos do romantismo, com sua defesa da universalidade de sistemas, postulados e métodos derivados do laço de identidades entre o mundo físico e o mundo espiritual. Mas a existência de tal laço, contudo, não pode obscurecer a existência de diferenças e distinções entre os diversos domínios do conhecimento, diferenças estas que demandam métodos cuja diversidade o autor faz questão de enfatizar. Desta forma, Comte estabelece, em sua correspondência com Stuart Mill, limites ao uso de analogias de natureza organicista, afirmando poderem elas infringir a necessária coesão da natureza humana (HAAC, 1995, p. 80). E desta forma, igualmente, os domínios racionais da ciência e da arte são, para Comte, perfeitamente distintos, ainda que filosoficamente interligados (COMTE, 1934, v. 3, p. 147).

Devido a tais diferenças, por sua vez, o estudo dos seres vivos deve, para ele, destinar-se, de um ponto de vista lógico, ao desenvolvimento geral das artes da comparação e da classificação (COMTE, 1934, v. 3, p. 237); respeitando-as em suas especificidades, mas sem deixar de lado a síntese geral que é, afinal, o objetivo a nunca ser perdido de vista.

Agindo assim, Comte e seus discípulos introduziram inovações em campos do conhecimento aos quais o autor não chegou a dedicar-se, pelo menos de forma prioritária, fazendo com que um historiador da literatura como Auerbach (1972, p. 33) ressalte, por exemplo, a inovação introduzida pelos positivistas em termos de análise estética, lembrando que “por seu espírito de análise e por sua concepção sobretudo

biológica do Homem, eles chocaram amiúde o espírito daqueles que consideram a alma humana como algo de sintético, não analisável e, por último, livre, e cujas profundezas são inacessíveis à investigação exata”. E fazendo com que outro historiador da literatura defina a solução de Comte como “o abandono de todas as ilusões, voltando-se para os fatos positivos” (CARPEAUX, 1983, v. 6, p. 1.552).

O método comteano toma como base a observação, e Suassuna (1999, p. 112) define a importância atribuída a esta pelo autor: “O objeto da sociologia são os fatos sociais observáveis, aqueles objetos que não podem ser observados, sistematicamente, dentro de um exercício metódico, não podem ser objeto da sociologia”, enquanto Zeitlin (1970, p. 92) menciona as técnicas de observação, experimentação e comparação como fazendo parte da metodologia comteana.

A partir dela é possível, segundo Comte (1934, v. 2, p. 133), obter uma justa previsão dos acontecimentos, sem penetrar na essência dos fenômenos e sem recorrer a qualquer concepção apriorística. E o que Comte (1934, v. 2, p. 7) chama de arte da observação é composta, segundo ele, pela observação propriamente dita, pelo exame direto do fenômeno tal como ele se apresenta naturalmente e pela experiência, ou seja, pela observação do fenômeno modificado em circunstâncias artificialmente construídas.

Ao conhecimento, portanto, Comte tende a impor, como acentua Prokop (1986, p. 96), um empirismo estrito:

A estrutura positiva de pensamento determina que o conhecimento deva se limitar somente às observações como norma. Até mesmo a permissão de uma capacidade imaginativa limitada classificatoriamente é, de fato, uma transgressão orientada contra o puro empirismo. Contra as próprias premissas da filosofia positiva (PROKOP, 1986, p. 96).

Mas é preciso relativizar tal recusa, uma vez que o método positivo, como acentua Lorau (1991, p. 61), não rejeita a imaginação, limitando-se a subordiná-la à observação. Subordinada, então, ela viabiliza a combinação dos fatos. E mesmo o uso indiscriminado e sem critérios da observação revela-se, por fim, como um procedimento nocivo, o que leva Comte (1983a, p. 50) a repudiar o que chama de “estéril acumulação de fatos incoerentes”, recusar tal associação, e alertar: “Importa, pois, bem sentir que o verdadeiro espírito positivo não está menos afastado, no fundo, do empirismo que do misticismo”.

II

O reconhecimento, por parte da filosofia positiva, da existência de leis naturais invariáveis é, para Comte (1934, v. 5, p. 50), fruto de um trabalho laborioso, de uma aquisição lenta e gradual de conhecimento. Assim, o pressuposto defendido por ele, segundo Lefebvre (1974, p. 30), é: “Os fatos que

concernem ao homem que vive em sociedade estão submetidos a leis que podem ser descobertas por meio da observação, assim como a lei da gravitação foi descoberta desta forma”. Neste sentido, a evolução social é vista por Comte como estando sujeita a leis naturais que não podem ser modificadas pela natureza humana, cabendo à física social, pois, alertar para a inutilidade da resistência ao desenvolvimento que, afinal, é inevitável, podendo, ao mesmo tempo, mitigar ou acelerar artificialmente tal desenvolvimento (RANULF, 1993, v. 1, p. 28). E, fiel a tal perspectiva, ele recusa a noção de acaso: tudo está interligado, todo fenômeno pode ser estudado a partir de causas precisas que o motivaram.

Os fenômenos relacionam-se, segundo Comte, a partir de um rígido determinismo, o que confere, a seu pensamento, um sentido que poderia ser fatalista se não fosse a crença por ele depositada nos efeitos redentores do conhecimento científico; determinismo e redenção, eis os pólos de seu pensamento. Tal concepção torna-se mais nítida quando, atribuindo a Condorcet idéias que, afinal, são suas, Comte (1972, p. 111) as esclarece:

Foi ele o primeiro a ver claramente estar a civilização sujeita a uma marcha progressiva, na qual todos os passos são rigorosamente encadeados uns aos outros, segundo leis naturais, que a observação filosófica do passado pode descobrir, e determinam, para cada época, de maneira inteiramente positiva, os aperfeiçoamentos que o estado social deve experimentar, quer em suas partes, quer em seu conjunto (COMTE, 1972, p. 111).

O progresso teórico caminha, segundo Comte (1912, p. 331), da filosofia natural à sociologia, passando pela moral. E, da mesma forma, o que ele define como a incontestável preponderância decisiva da vida intelectual no Ocidente tem, como ponto de partida, a preponderância da atividade guerreira (COMTE, 1912, p. 340). Assim, o que Comte (1983b, p. 71) chama de “grandes épocas” históricas segue, segundo ele, leis invariáveis a partir das quais cada uma destas épocas prepara sua sucessora.

A questão das leis na teoria social comteana é assim definida por Turner (1999, p. 230):

Em primeiro lugar, a teoria sociológica envolve leis naturais abstratas. Deveria haver pouquíssimas leis; e um dos alvos principais da atividade teórica é reduzir o número de leis de modo que apenas as propriedades invariáveis e fundamentais do universo fiquem sujeitas às leis teóricas.

Já Popper (1980, p. 91) busca precisar o sentido que as leis sociais possuem no pensamento comteano: “Ao falar das leis de sucessão, Comte pensava em leis que determinariam a sucessão de uma série dinâmica de fenômenos, dispondo-os na ordem em que os percebemos”.

Tais leis englobam ainda, segundo Comte, os mais diversos campos do conhecimento humano, o que o leva a estabelecer uma relação profunda e necessária entre as condições de existência das sociedades humanas, as leis físicas e químicas e as próprias leis do sistema solar, de forma que “as mais simples circunstâncias de forma ou de posição, insignificantes na ordem astronômica, tem importância suprema na ordem política” (COMTE, 1972, p. 154). E, conseqüentemente, a existência orgânica está, para o autor, intimamente subordinada à existência inorgânica e, mesmo, planetária, de forma que mudanças astronômicas podem exercer decisiva influência sobre ela (COMTE, 1912, p. 79).

O estudo racional da natureza pressupõe, segundo Comte (1934, v. 3, p. 291), a adoção de um método natural que deve possuir como principal característica, de um ponto de vista filosófico, o estabelecimento de uma hierarquia orgânica, redutível, por sua vez, à simples coordenação racional dos gêneros. E, em relação a tal método, a matemática deve fornecer as bases fundamentais da filosofia natural, viabilizando um grau de precisão e um caráter de alta perfeição que a formate (COMTE, 1934, v. 1, p. 192). Tal método pressupõe, por fim, a sujeição de todos os fenômenos, de qualquer ordem, à leis invariáveis cuja descoberta deve situar-se no centro de todas as investigações filosóficas contemporâneas (COMTE, 1934, v. 3, p. 217). E sua formulação viabilizaria a obtenção do objetivo básico proposto pelo autor, que é, em suas palavras, a subordinação racional da humanidade a uma mesma lei fundamental de desenvolvimento contínuo, lei esta que representa a evolução contemporânea (COMTE, 1934, v. 4, p. 95). Temos, então, o firme propósito, por parte do autor, de reduzir o conhecimento a um conjunto de leis básicas capazes de ordenar e determinar a dinâmica social. E temos, também, um objetivo supremo a ser perseguido por Comte, e objetivo este que é, como acentua Leonídio (2004, p. 182), de um reducionismo radical: “Fazer com que todas as leis naturais e sociais fossem reduzidas a uma só, tal como também havia sonhado Newton e depois Saint-Simon”.

Comte estabelece, ainda, o que considera ser uma lei fundamental, qual seja: os fenômenos gerais dominam os fenômenos particulares e não são, por sua vez, influenciados por estes (COMTE, 1934, v. 2, p. 179). Por isso, ainda, toda classificação que tome como base considerações referentes aos agentes é, para ele, necessariamente ilusória (COMTE, 1934, v. 2, p. 207). Mas é possível e necessário, por outro lado, partir do simples para chegar ao complexo, do indivíduo para chegar à sociedade, uma vez que a evolução da inteligência individual permite, segundo ele, obter a constatação sensível da revolução geral do espírito humano (COMTE, 1934, v. 1, p. 4). O estudo adequado dos fenômenos sociais deve, conseqüentemente, para Comte, partir de um conhecimento aprofundado das leis relativas à vida individual, o que não pode, contudo, transformar a física social em mero apêndice da psicologia (COMTE, 1934, v. 1, p. 52).

O método sociológico tal como definido por Comte (1934, v. 1, p. 20) implica, efetivamente, em franca ruptura com o método psicológico, definido por ele como radicalmente nulo a partir de seus

pressupostos. A crítica ao psicologismo feita por Comte é embasada em um argumento descrito por Cassirer (2001, p. 109): “Uma das máximas fundamentais de sua filosofia é que o nosso método de estudar o homem deve, na verdade, ser subjetivo, mas que não pode ser individual. Pois o que queremos conhecer não é a consciência individual, mas o sujeito universal”. E Reis (2003), igualmente, busca analisar os argumentos que fundamentam tal crítica:

Em Comte, a sociologia subordinava a história ao sistema das ciências naturais. Ele considerava que o estudo do espírito humano dependia da biologia. A sucessão dos fatos psíquicos seria o resultado da sucessão dos estados físicos. Ele negava que os estados psíquicos fossem regidos por leis especiais que se pudessem estudar à parte (REIS, 2003, p. 61).

Os determinismos propostos pelo autor são, portanto, complexos. A evolução é vista por ele, basicamente, como um desenvolvimento da mente humana e a organização social é determinada pelo estágio corrente da civilização. Mas os estágios intelectuais são, também, conectados a tipos específicos de atividade (THERBORN, 1977, p. 151). E Trindade (1978, p. 127) ressalta a interação entre determinismo e ação presente na obra do autor: “Em Comte, a fatalidade pode ser mais ou menos modificável graças à Sociologia, que descobre a ordem essencial da História humana, possibilitando à humanidade, talvez, acelerar a etapa do positivismo”.

Mas, dentre tais determinismos, a raça, o clima e a ação política são, para Comte (1934, v. 4, p. 210), as três fontes gerais de variações sociais. E, por fim, enfocando especificamente a questão racial, Poliakov (1974, p. 207) salienta o fato de Comte ver a raça branca e, mais especificamente, os povos da Europa Ocidental como a elite da humanidade, descartando as pesquisas referentes a outros povos como inúteis e nocivas. Mas, apesar disso, Comte recusava à raça um papel preponderante no trio de fatores por ele definida e criticava os autores que davam ao fator racial um tal papel.

O estudo das leis que regem o universo e o comportamento social não é visto por Comte (1934, v. 4, p. 164), enfim, como um exercício intelectual desconectado da realidade, sendo que o princípio fundamental da sociologia positiva, para ele, é, pelo contrário, a capacidade de previsão racional, científica, dos fenômenos sociais, baseada na subordinação contínua das diversas concepções sociais às invariáveis leis naturais. Conhecer para agir, eis o lema a ser adotado. O conhecimento científico é filho de seu tempo e deve buscar compreendê-lo para transformá-lo, ao mesmo tempo que deve pautar sua estruturação e seus objetivos pelo estudo das leis invariáveis e uniformes que regem o universo e a vida. E tal interação entre o dinâmico e o estático forma o núcleo do método comteano.

III

A história, tal como vista por Comte, é profana, suas verdades são relativas e referem-se às condições e situações mutáveis. Não é mais uma verdade absoluta, não é mais fruto de desígnios eternos. Por outro lado, acentua Lowith (1958, p. 109), a perspectiva de história universal adotada por Comte é determinada pelo futuro aberto da progressão linear, que vai das etapas primitivas às mais avançadas. O método proposto por ele recusa de forma estrita qualquer julgamento valorativo, tomando a neutralidade como valor absoluto. Cabe ao sociólogo observar e analisar, jamais julgar, com tal princípio norteando, igualmente, a análise histórica do autor.

O século XIX será caracterizado, segundo Comte (1912, p. 287), pela irrevogável preponderância do ponto de vista histórico em relação à filosofia, à política e mesmo em relação à poesia, o que dá a dimensão da importância por ele atribuída a tal análise, bem como do relevo que ela adquire em sua obra. O conhecimento do passado através da utilização do método comparativo tornaria possível, afinal, conhecer o futuro, o que possibilitaria, então, o estudo do presente, o que inverte, enfim, a ordem cronológica, colocando-a em termos de passado, futuro e presente (MORAES FILHO, 1957, p. 150). E ainda, a análise histórica permite, segundo Comte (1934, v. 2, p. 232), compreender o processo de desenvolvimento necessário e transitório que medeia entre o estado metafísico e o estado puramente positivo.

Comte não pesquisa o passado como um antiquário o faria. Seu interesse, pelo contrário, é descobrir, nele, as origens das mudanças que ocorrem em seu tempo. E descobrir, no que é velho, os germes do que é novo. O método histórico reside, segundo ele, na base da sociologia e é a base fundamental, também, da lógica política (COMTE, 1934, v. 4, p. 236). Tal método permite, afinal, o uso racional das séries sociais, bem como a apreciação sucessiva dos diversos estados da humanidade (COMTE, 1934, v. 4, p. 241). Afinal, a relação entre conhecimentos histórico e sociológico estrutura o pensamento comteano, pois, como acentua Veyne (1995, p. 139), “sua sociologia era bem uma ciência da história em bloco, uma ciência *da* história; ela devia estabelecer as leis da história, assim a lei dos três estados que é a descrição do movimento da história tomada em bloco”.

Mas os fundamentos da história do conhecimento propostos por Comte são filosóficos. O passado é apreendido a partir de leis cuja constatação pretende-se científica, mas o autor mantém-se preso à tradição filosófica da qual é herdeiro, com Burke (1987, p. 15) definindo o pensamento comteano como pertencendo à filosofia da história, devido à repartição do desenvolvimento histórico em três estágios. E Fernandes (1976, p. 34), por sua vez, aponta na mesma direção ao afirmar a respeito do autor: “A Sociologia permanecia no estado de disciplina filosófica, podendo ser designada, com propriedade,

como uma verdadeira Filosofia da Ação Humana, resultante da síntese intelectual da Filosofia Política com a Filosofia da Questão Social e a Filosofia da História”.

Comte pensa o desenvolvimento teórico em estreita relação com as atividades práticas e as necessidades delas oriundas, o que torna impossível, por exemplo, a teoria desenvolver-se além da realidade material que a condiciona: “De um lado, a teoria não podia estabelecer-se até então, porque ficaria mais adiantada do que a prática. Sendo destinada a dirigi-la, não poderia antecipá-la a ponto de perdê-la de vista” (COMTE, 1972, p. 85). O pensamento, portanto, é definido pelo período histórico ao qual pertence, o que Comte (1972, p. 58) sublinha de forma enfática, ao afirmar: “Os espíritos que mais acreditam lutar contra a marcha da civilização, obedecem, sem perceber, à sua irresistível influência, e concorrem mesmo a secundá-la”. E o conhecimento, dessa forma, é estudado a partir de um determinismo estrito, assim delineado:

Numa palavra, o espírito humano segue, no desenvolvimento das ciências e das artes, determinada marcha, superior às maiores forças intelectuais, que só aparecem, por assim dizer, como instrumentos destinados a produzir, em tempo dado, as descobertas sucessivas (COMTE, 1972, p. 95).

A evolução histórica, tal como vista por Comte, segue uma linearidade na qual todos os povos passam pelas mesmas fases, dentro da mesma continuidade histórica, o que gera, contudo, tal como salienta Bock (1980, p. 94), uma evidente dificuldade em explicar diferenças históricas: “dada uma interpretação progressiva, e não crítica, da história, porém, Comte tinha de atribuir a coexistência temporal das diferenças de cultura a acidentes”. E, para compreendermos tal linearidade, tomemos a síntese feita por Collingwood (1981) do panorama do desenvolvimento histórico proposto por Comte:

Comte considera a arte, a religião e a filosofia como três modos diferentes de que se serve o espírito humano para exprimir ou formular, para si próprio, a sua experiência. Mas não podem viver, calmamente, lado a lado; a relação que existe entre eles é a duma sucessão dialética, segundo uma ordem definida. Donde se conclui que uma atitude religiosa em relação à vida está destinada a ser substituída por uma atitude racional ou filosófica (COLLINGWOOD, 1981, p. 104).

Dentro desta linearidade e na definição clássica proposta por Comte (1912, p. 125), o estudo positivo da humanidade divide-se em uma parte estática, concernente à natureza fundamental do grande organismo, e outra dinâmica, concernente à sua evolução necessária. A classificação proposta por Comte desenha, segundo Gouhier (1980, p. 74), uma ordem ao mesmo tempo lógica e cronológica, com a lei dos três estados significando, para o autor, uma representação por fim consciente do desenvolvimento histórico. Mas a dinâmica social reduz-se, segundo ele, à explicação do passado a partir de seu princípio fundamental, emanado da sociologia estática (COMTE, 1912, p. 295).

A análise histórica ajuda, por sua vez, a compreensão do fenômeno religioso, uma vez que os estudos de ambos os campos de estudo, tal como efetuados pelo autor, partem dos mesmos pressupostos. Segundo Nisbet (1982, p. 243), “Comte deu realce à íntima relação entre os valores sagrados e o conjunto de pré-julgamentos subjacentes a toda comunicação, toda linguagem, toda socialização, no mais vasto sentido da palavra”. E é tal conjunto e tal relação que o conhecimento científico tem, como tarefa, superar.

Comte, porém, não é necessariamente ateu; apenas, considera irrelevante e obsoleta a questão da existência de Deus, a partir de uma argumentação sintetizada por Levine (1997, p.151): “Embora o ateísmo tenha sido útil durante o período metafísico a fim de eliminar os últimos vestígios da crença teológica, ele agora prolonga a etapa metafísica ao procurar novas soluções para problemas teológicos em vez de os por de lado como profundamente fúteis”.

Seu pensamento tende progressivamente, porém, à valorização cada vez mais ampla do sentimento religioso, culminando na elaboração da Religião da Humanidade, e cabendo à religião, segundo Lins (1965, p. 256), atuar como catalisador no projeto de síntese que é, afinal, o ideal comteano: “Seu objetivo é estabelecer o estado de *completa unidade*, que distingue a existência humana, quando todos os seus atributos – sentimento, inteligência e atividade – convergem para um destino comum”.

A sociologia comteana termina ela mesma, assim, ganhando contornos religiosos, na medida em que a análise sociológica deverá, quando a sistematização do dogma positivista fundar a religião da humanidade, tomar tal religião e seu culto como temática principal (COMTE, 1912, p. 43). Badcock (1976, p. 23) sublinha tal continuidade referindo-se à Religião da Humanidade, ao lembrar que “as suas origens repousam na própria essência da Sociologia de Comte, e que é inegável que a Religião Positiva provém, logicamente, da Lei dos três Estágios, da hierarquia das ciências, e da crença na importância das instituições religiosas para o homem e para a sociedade”.

Comte (1912, p. 62) menciona, deste modo, a necessária coordenação religiosa de todos os elementos sob a presidência da sociologia. E tal religião, ainda, deverá tomar como base as leis naturais que sempre regeram, segundo ele, o desenvolvimento humano (COMTE, 1912, p. 50). O positivismo conseguiu assim, segundo Gouldner (1978, p.64), ver a infra-estrutura religiosa da nova política ideológica nascente, mas foi incapaz de ver sua própria infra-estrutura religiosa.

IV

O conceito de normalidade é visto por Comte, como o seria por Durkheim, de forma matizada. O normal e o patológico, em termos clínicos, apresentam, para ele, relações íntimas, segundo Canguilhem

(1978, p. 32): “Comte insiste vários vezes sobre a obrigação de determinar previamente o normal e seus verdadeiros limites de variação antes de explorar metodicamente os casos patológicos”. Por outro lado, a noção de ordem em Comte, acentua Devolve (1932, p. 66), coincide com a noção de síntese e exprime o desejo de submissão de todas as partes do saber à uma finalidade humana e racional.

Tal desejo, se encontra ambiente propício na sociedade contemporânea, vive, igualmente, em seu contexto, graves percalços, uma vez que a evolução social da indústria moderna gerou, segundo Comte (1934, v. 6, p. 177), os elementos para a criação de uma ordem social estável, mas gerou, também, graves lacunas, que tornam indispensável o estabelecimento de uma organização posterior. O intuito de Comte é, pois, gerar um conhecimento que favoreça a estabilidade social, promovendo mudanças que ocorram dentro da ordem estabelecida e a fortaleçam. Tal opção conservadora foi, como não poderia deixar de ser, muito criticada; segundo Adorno e Horkheimer (1973, p.17), por exemplo, a sociologia herdou o conformismo e resignação comteanos: “O progressivismo da nova ciência foi tímido desde o começo; o pensamento social encontrava nela o seu orgulho, precisamente no fato de não se elevar acima do que é”.

Rotulá-lo como conservador, apenas, implica, entretanto, em escamotear a urgência do problema posto por Comte, que é: como o indivíduo será capaz de reconhecer o bem comum em meio às tarefas especializadas que ele deve desempenhar e em meio à desagregação social que escolhas racionais por parte deste indivíduo são incapazes de evitar (BAKER, 1989, p. 336). E implica, também, em esquecer um aspecto fundamental de sua obra, ressaltado por Todorov (1991, p. 48), que menciona a existência, em Comte, de uma “clarividência profética”. Encontramos em sua obra, assim, previsões quanto à vida industrial, a uma certa organização do trabalho, a uma homogeneização dos gostos estéticos, a um acordo internacional acerca do conteúdo dos métodos científicos.

E, em relação ao futuro, o projeto comteano chama-se positivismo. Segundo Moraes Filho (1957, p. 25), a filosofia positiva significa para Comte: “a) o sistema geral das concepções humanas; b) encarando-as, por fim, unicamente como coordenadoras dos fatos observados”.

A evolução científica dos positivistas, que deverá culminar no predomínio do positivismo é assim delineada pelo autor:

Para cada rápida iniciação individual, como para uma lenta iniciação coletiva, permanecerá sempre indispensável que o espírito positivo, desenvolvendo seu regime na medida em que amplia o seu domínio, eleve-se pouco a pouco do estado matemático inicial ao estado sociológico final, percorrendo sucessivamente os quatro graus intermediários, astronômico, físico, químico e biológico (COMTE, 1983b, p. 93).

E uma nova formação intelectual deve, segundo Comte (1934, v. 5, p. 344), presidir à indispensável reorganização intelectual das sociedades modernas. Com isto, a implantação do positivismo torna-se,

essencialmente, uma questão pedagógica essencialmente representada pela passagem do espírito militar para o espírito industrial, com a marcha do desenvolvimento material da sociedade confundindo-se, na perspectiva comteana, com a lei fundamental do desenvolvimento do pensamento (DEVOLVÉ, 1932, p. 129).

O poder espiritual refere-se, em linhas gerais, à educação, enquanto o poder político refere-se, basicamente, à ação (COMTE, 1934, v. 5, p. 235). E, atuando em termos de poder espiritual, o positivismo, em Comte, é estruturado, segundo Heilbroner (1991, p. 76), como uma teoria do conhecimento. E ainda, as ciências, para ele, constituem-se em séries de crescente complexidade e decrescente generalidade (HEILBRONER, 1991, p. 81).

A implantação do positivismo demanda, para Comte, um processo de educação geral que exige por sua vez, segundo Arbousse-Bastide (1957, v. 1, p. 83), o conhecimento das concepções positivas sobre todas as grandes classes de fenômenos naturais. Temos, então, na pedagogia proposta por Comte, uma ligação íntima entre educação geral ou moral e educação profissionalizante, com a aquisição de costumes necessários ao exercício de uma dada profissão não sendo dissociada da ação profissional propriamente dita (ARBOUSSE-BASTIDE, 1957, v. 2, p. 616). E temos, no Catecismo Positivista, de caráter assumidamente oral, uma orientação definida a partir do problema da expressão didática do positivismo, inseparável da função a ser exercida pelo poder espiritual (ARBOUSSE-BASTIDE, 1957, v. 2, p. 360).

Lacerda (2000, p. 23) assim define a síntese proposta por Comte:

O escopo de A. Comte é o de converter a condução dos negócios coletivos, da prática política, em atividade equivalente à astronomia para a navegação, à alquimia para a metalurgia e à fisiologia para a terapêutica- numa palavra, em algo não mais cegamente empírico, senão orientado por leis naturais tão certas como as daquelas ciências.

A proposta, então, é descobrir as leis que regem o desenvolvimento social, e orientá-lo positivamente a partir destas, privilegiando os valores morais, ao contrário do comunismo que, segundo Comte (1912, p. 11), preocupa-se apenas com os bens materiais, enquanto o positivismo instituiu a justa preponderância do sentimento social, de forma a abranger melhor a atividade humana. Afinal, como acentua Lacroix (1956, p. 3), é positivo, para Comte, o que é social em oposição ao que é individual, sendo o espírito positivo definido pelo que é propriamente social.

Qual é, para Comte, a origem do positivismo? Buscando elucidar as origens da nova teoria, Comte, acentua Petit (1994, p. 96), vê a matemática como o berço do positivismo científico, mas não

como a ciência dominante. E embora o positivismo seja uma teoria do século XIX, suas origens, para seu criador, são milenares. Assim, na Antigüidade, o espírito positivo teve como base a astronomia. Na Idade Média, sua base foi a química. E, nos tempos modernos, ele depende, essencialmente, da biologia (COMTE, 1912, p. 107). Da mesma forma, dois elementos fundamentais na história do pré-positivismo são, segundo Gouhier (1933, v. 2, p. 49), a fé no aperfeiçoamento indefinido do ser humano e a comparação entre a vida da humanidade e a vida individual.

O plano de estudo adotado na Escola Politécnica, da qual Comte foi aluno, forma, segundo Gouhier (1933, v. 3, p. 387), o cenário permanente da pesquisa positivista. Trata-se de plano voltado, eminentemente, para a aplicação empírica dos conhecimentos obtidos, e tal orientação iria marcar, de forma decisiva, o pensamento comteano, tanto que, em carta datada de 1842, Comte afirma que, após a elaboração teórica da nova filosofia, trata-se, agora, de dedicar-se à sua aplicação social (HAAC, 1995, p. 126). E, de fato, sem o estabelecimento das fórmulas básicas da sociologia estática, lembra Comte, a teoria dinâmica tende a perder a necessária racionalidade (HAAC, 1995, p. 206). Isto apesar de sua trajetória na Escola ter sido tão tumultuada quanto a história da própria Escola, fechada em 1816 por haver aderido ao breve retorno de Napoleão. Miranda Filho (1983, p. 71) descreve o encerramento deste capítulo da vida do autor: “Comte não chegará, pois, a concluir o seu segundo ano na Politécnica, e será apenas muito mais tarde que conseguirá se reintegrar a ela na qualidade de professor adjunto”.

V

O trabalho de reorganização social não pode ser pensado apenas a nível prático, sendo imprescindível, pelo contrário, a execução de amplos trabalhos teóricos prévios. E, aqui, entram os cientistas:

Sendo teóricos esses trabalhos, é claro que os homens, cuja profissão consiste em formar combinações teóricas, seguidas metodicamente, isto é, os cientistas ocupados com os estudos das ciências de observação, são os únicos cujo gênero de capacidade e de cultura intelectual preenche as condições necessárias (COMTE, 1972, p. 76).

Desta forma, o conhecimento científico torna possível, segundo Comte (1972, p. 89), a resolução de problemas políticos a partir do caminho por ele indicado: “A pesquisa absoluta do melhor governo possível, abstraindo-se o estado de civilização, é evidentemente idêntico à investigação de um tratamento geral, aplicável a todas as enfermidades e a todos os temperamentos”. Cabe assim ao pensamento sociológico, na perspectiva comteana, levar a cabo uma tarefa de fundamental importância: “A sociologia se constituiria em instrumento teórico de suspensão da revolução moderna caso conseguisse pensar

o progresso dentro do quadro estrito da mais rigorosa ordem social” (BENOIT, 1999, p. 275). E o que Comte (1934, v. 1, p. 43) chama de “ordem dogmática” é, segundo ele, possível e necessário, devido ao fato de as novas concepções oferecerem um ponto de vista mais direto para o estudo das descobertas anteriores.

Se preocupações de ordem moral dão ao pensamento do autor um sentido indiscutivelmente conservador e o situa, em diversos sentidos, no pólo oposto ao ocupado por Marx, por exemplo, registram-se, por outro lado, certas convergências teóricas e metodológicas entre ambos os autores. Comte (1912, p. 227) retoma, por exemplo, o determinismo marxiano, acentuando que, se a ordem moral de toda associação humana repousa necessariamente sobre sua organização intelectual, esta repousa, por sua vez, sobre sua constituição material. E lembrando, igualmente que o estudo dos homens e do mundo exterior deve constituir a base e o eterno sujeito de todas as considerações filosóficas (COMTE, 1934, v. 3, p. 141).

Há, igualmente, uma certa confluência entre os pressupostos utilizados por ambos os autores, já que as premissas marxista e comteana, segundo Sahay (1972, p. 111), baseiam-se no progresso moral; no caso de Comte, a premissa é o acordo moral, enquanto na premissa marxista a premissa já é o conflito moral, mas, em ambos os casos, a conclusão acerca do progresso moral baseia-se na análise descritiva de diferentes tipos de dados. E, de forma semelhante ao que ocorre no pensamento marxiano, a relação entre teoria e prática cria na obra de Comte, segundo Isambert (1965, p. 297), uma metodologia que é, ao mesmo tempo, uma intuição teórica das características sociais essenciais e uma concepção da prática social.

O próprio Marx manifesta seu interesse por Comte e, em carta a Engels, afirma estar estudando-o, e afirma, ainda, ser cativante a síntese por ele proposta, embora inferior à síntese hegeliana, embora, como professor de matemática e física Comte seja superior a Hegel (MARX; ENGELS, [aproximar data], p. 180). Mas há, também, uma diferença entre ambos acentuada por Schluchter, para quem Marx escreve em nome do humanismo secular e Comte em nome do senso comum, embora ambos acreditem que apenas uma pessoa que viva sem necessidades religiosas pode ser efetivamente livre (SCHLUCHTER, 1989, p. 267).

A aproximação entre ambos os autores não pode obliterar, porém, diferenças cruciais. Na obra de Comte, a teoria social perde, segundo Marcuse (1978), sua ligação com a filosofia, ao mesmo tempo que a economia política é abandonada como raiz da teoria social, com consequências assim descritas pelo autor:

A sociedade passava agora a ser tomada como um complexo mais ou menos definido de fatos, governado por leis mais ou menos gerais – uma esfera a ser tratada como qualquer outro campo de

investigação científica. Os conceitos que explicam este domínio deveriam ser derivados dos fatos que o constituem, enquanto que as decorrências, de maior alcance, dos conceitos filosóficos deveriam ser excluídas (MARCUSE, 1978, p. 309).

Já Radcliffe-Brown ([**data aproximada**?]), p. 154), por exemplo, inverte tal proposição, recusando a Comte o título de sociólogo, preferindo defini-lo como filósofo da história: por não ter, segundo ele, cultivado a sociologia científica.

A síntese mencionada por Marx é o objetivo fundamental ao qual Comte se propõe e situa-se no núcleo de seu pensamento. A sociologia, para ele, é ao mesmo tempo, como acentua Freund (1975, p. 69), uma ciência específica e globalizante; é a ciência específica cujo papel é ser globalizante. O objetivo final da obra comteana é, segundo seu próprio autor, promover a transição da biologia para a física social (COMTE, 1934, v. 3, p. 255), sendo que a física social completaria, segundo Comte (1934, v. 1, p. 13), o sistema das ciências naturais, transformando em algo possível e necessário a síntese dos diversos conhecimentos adquiridos.

Se uma expressão utilizada por Comte (1934, v. 4, p. 190) pode ser tomada como sintética em relação ao método por ele proposto é o termo estudo dinâmico das ciências sociais. Segundo ele, a dinâmica social estuda as leis de sucessão, enquanto a estática social estuda as leis de coexistência (COMTE, 1934, v. 4, p.192). E a sociologia dinâmica permitirá, por fim, depois de uma judiciosa análise histórica, a antecipação da sucessão necessária das diversas partes da organização social (COMTE, 1934, v. 4, p. 305). Trata-se, enfim, na perspectiva comteana, de preencher o que ele define como uma lacuna fundamental no sistema geral da filosofia positiva e de superar o deplorável estado de infância prolongada em que se encontra a ciência social, através da adoção de uma unidade metodológica e de uma homogeneidade doutrinária (COMTE, 1934, v. 4, p. 3). Temos, então, uma fórmula hierárquica proposta pelo autor e formada por três níveis, quais sejam, um nível inicial, matemático-astronômico, um nível intermediário, físico-químico, e um nível final, biológico-sociológico (ARBOUSSE-BASTIDE, 1957, v. 1, p. 215).

Nesta linha hierárquica e evolutiva, o estudo das essências corresponde, em linhas gerais, ao estado metafísico: “Como a teologia, a metafísica tenta, antes de tudo, explicar a natureza íntima dos seres, a origem e o destino de todas as coisas, o modo essencial de produção de todos os fenômenos” (COMTE, 1983a, p. 47). Trata-se, enfim, de preocupação a ser esquecida, de estudos a serem abandonados. A mudança, portanto, “consiste essencialmente em substituir em toda parte a inacessível determinação das causas propriamente ditas pela simples pesquisa das leis, isto é, relações constantes que existem entre os fenômenos observados” (COMTE, 1983a, p. 49).

Temos, pois, um movimento ascendente no qual Gouhier (1933, v. 1) assinala a existência de um movimento inicial que leva Comte da filosofia da matemática à filosofia de todas as ciências. No

contexto de tal movimento, teríamos, na perspectiva comteana, segundo Hawthorn (1982, p. 84) “a sociologia constituindo a ciência que compreendia as leis de todos os fenômenos sociais. Era perfeitamente claro, para Comte, que as necessidades científica e histórica requeriam a regra e a supervisão dos físicos sociais”.

Ciências como a química, a física, a matemática e a biologia não tem, segundo Comte, apresentado resultados preliminares satisfatórios, sendo tal insuficiência um motivo a mais para o estabelecimento da sociologia, a partir do qual as diversas áreas da ciência serão, enfim, filosoficamente aperfeiçoadas (HAAC, 1995, p. 360). Assim, a relação da sociologia com as demais ciências é, na perspectiva comteana, ao mesmo tempo de continuidade, ruptura, autonomia e dependência. Ela deveria, como acentua Giddens (1998), manter a lógica totalizante das demais ciências, mas deveria, também, ir além, devido às características de seu próprio objeto de estudo: “Mas, na medida em que os fenômenos com os quais estava preocupada eram mais complexos e específicos do que os da ciência hierarquicamente inferiores, ela também tinha que desenvolver procedimentos metodológicos por si mesma” (GIDDENS, 1998, p. 175).

A elaboração de tais procedimentos foi, porém, prejudicada pelo caráter excessivamente amplo dado por Comte à disciplina, o que gerou o risco de transformá-la em pouco mais que uma abstração. Desta forma, concebida como disciplina fundamentalmente empírica, a sociologia comteana tornou-se, por fim, abstrata, e Lins (1965, p. 55) ressalta o caráter abstrato atribuído por Comte à sociologia: “Ele expõe o objeto, os métodos, as divisões fundamentais, as leis aplicáveis a todas as sociedades possíveis, fazendo abstração de todos os modificadores decorrentes do meio, do clima, da raça, das condições políticas”.

A sociologia, tal como pensada por Comte, é definida por Giddings (1943, p. 24) como uma ciência social compreensiva, concebida como parte de uma filosofia positiva e verificável, que reuniu em uma concepção única os elementos realmente necessários; uma definição correta dos propósitos e objetivos comteanos. Mas, sendo definida como ciência sintética capaz de englobar as demais e devendo, mesmo executar tal tarefa, a sociologia comteana terminou, por fim, a sucumbir ao peso de suas responsabilidades, o que tornou precário, em relação a ela, o trabalho de demarcação científica., com o estabelecimento da sociologia como disciplina científica proposto pelo autor encontrando, consequentemente, obstáculos oriundos das próprias diretrizes estabelecidas por ele. Assim, a transformação do positivismo em religião criou limites para a sociologia enquanto ciência, bem como a classificação das ciências por ele estabelecida legou à disciplina um campo de ação consideravelmente vago.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ALAIN. *Idéias*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. **La doctrine de l'éducation universelle dans la philosophie d'Auguste Comte**. Paris: Presses Universitaire de France, 1957.
- AUERBACH, Eric. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BADCOCK, C. R. **Lévi-Strauss: estruturalismo e teoria sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- BAKER, Keith Michael. Closing the French Revolution: Saint-Simon and Comte. In: FURET, François; OZOUF, Mona (Ed.). **The French Revolution and the creation of modern political culture: the transformation of political culture, 1789-1848**. Oxford: Pergamon Press, 1989. v. 3.
- BENOIT, Lelita Oliveira. **Sociologia comteana: gênese e devir**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- BOCK, Kenneth. Teorias do progresso, desenvolvimento e evolução. In: BOTTOMORE, T. B.; NISBET, Robert A. (Org.). **História da análise sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BOTTOMORE, T. B. The ideas of the founding fathers. **Archives Européenes de Sociologie**, Paris: Plon, t. 1, n. 1, p. 33-49, 1960.
- BURKE, Peter. **Sociología y historia**. Madrid: Alianza Editorial, 1987.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1983.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- COLLINGWOOD, R. G. **A idéia de História**. Lisboa: Presença, 1981.

- COMTE, Auguste. **Système de politique positive**. Paris: M. Giard & E. Brière, 1912.
- _____. **Cours de philosophie positive**. Paris: Alfred Costes Editeur, 1934.
- _____. **Opúsculos de filosofia social**. Porto Alegre: Globo; São Paulo: EDUSP, 1972.
- _____. **Catecismo positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- DEVOLVÉ, Jean. **Réflexions sur la pensée comtienne**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1932.
- FERNANDES, Florestan. **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- FREUND, Julian. **Las teorías de las ciencias humanas**. Barcelona: Península, 1975.
- GIDDENS, Anthony. **Política, sociologia e teoria social**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- GIDDINGS, Frankin E. **Principios de sociologia**. Buenos Aires: Albatros, 1943.
- GOUHIER, Henri. **La jeunesse d'Auguste Comte et la formation du positivisme**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1933.
- _____. **Études sur l'histoire des idées en France depuis le XVII^e siècle**. Paris: J. Vrin, 1980.
- HAAC, Oscar A. (Ed.). **The correspondence of John Stuart Mill and Auguste Comte**. New York and London: Transaction Publishers, 1995.
- HAWTHORN, Geoffrey. **Iluminismo e desespero: uma história da sociologia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HEILBRONER, Johan R. Theory of knowledge and theory of science in the work of Auguste Comte. **Revue de Synthèse**, Paris: Albin Michel, t. 112, n. 1, p. 75-89, 1991.
- ISAMBERT, François-André. L'idée de politique positive. **Revue Française de Sociologie**, Paris: Centre National de Recherche Scientifique, v. 6, n. 3, p. 291-304, 1965.
- KREMER-MARIETTI, Angèle. **Entre le signe et l'histoire. L'anthropologie positiviste d'Auguste Comte**. Paris: Klincksieck, 1982.

LACERDA, Arthur Virmond de. **A república positivista: teoria e ação no pensamento de Augusto Comte**. Curitiba: Juruá, 2000.

LACROIX, Jean. L'aspect objectif et l'aspect subjectif de la sociologie d'Auguste Comte. In: **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Paris: Presses Universitaires de France, 1956. v. 20, p. 3-14.

LEFEBVRE, Georges. **El nacimiento de la historiografía moderna**. Barcelona: Martínez Roca, 1974.

LEONÍDIO, Adalmir. Utopias sociais em meio ao desencantamento do mundo na França do século XIX. **Estudos de História**, Franca: UNESP, v. 11, n. 1, p. 167-188, 2004.

LEVINE, Donald Nathan. **Visões da tradição sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LINS, Ivan. **Perspectivas de Augusto Comte**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1965.

LORAU, René. La question du sujet chez Auguste Comte. **L'Homme et la Société**, Paris: L'Armattan, n. 101, p. 57-67, 1991.

LOWITH, Karl. **El sentido de la historia: implicaciones teológicas de la filosofía de la historia**. Madrid: Aguilar, 1958.

MARCUSE, Herbert. **Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Selected correspondence**. Moscow: Progress Publishers, s.d.

MORAES FILHO, Evaristo de. **Augusto Comte e o pensamento sociológico contemporâneo**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

NISBET, Robert. **Os filósofos sociais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

PALARDÓ, F Garrido. **Los orígenes del romanticismo**. Barcelona: Labor, 1968.

PETT, Annie. Genèse de la classification des sciences d'an Auguste Comte. **Revue de Synthèse**, Paris: Albin Michel, t. 115, n. 1/2, p. 11-102, 1994.

POLIAKOV, Leon. **O mito ariano**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

- POPPER, Karl R. **A miséria do historicismo**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1980.
- PROKOP, Dieter. Consciência de massa e positivismo prático. Augusto Comte. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dieter Prokop**. São Paulo: Ática, 1986.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. **El método de la antropología social**. Barcelona: Anagrama, s.d.
- RANULF, Sven. Scholarly forerunners of fascism. In: HAMILTON, Peter (Ed.). **Émile Durkheim**: critical assesments. London/New York: Routledge, 1993.
- REIS, José Carlos. **Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências sociais**. Londrina: EDUEL, 2003.
- SAHAY, Arun. **Sociological analysis**. London: Routledge & Kegan Paul, 1972.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. **Rationalism, religion and domination**: a weberian perspective. Berkeley: University of California Press, 1988.
- SWINGWOOD, Alan. **Marx e a teoria social moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- SUASSUNA, Dulce. Do objetivismo à intersubjetividade: o lugar da razão na modernidade. **Pós**, Brasília: Universidade de Brasília, ano 3, 1999.
- THERBORN, Goran. **Science, class and society**: on the formation of sociology and historical materialism. London: NLB, 1977.
- TURNER, Jonathan. Teorização analítica. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- TODOROV, Tzevan. **Nosotros e los otros**. Madrid: Siglo Veintiuno, 1991.
- TRINDADE, Liana Salvia. **As raízes ideológicas das teorias sociais**. São Paulo: Ática, 1978.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- ZEITLIN, Irving. **Ideología y teoría sociológica**. Buenos Aires: Amorrortu, 1970.

